

BERNARDO ÉLIS, O POETA ADORMECIDO

BERNARDO ÉLIS, THE SLEEPING POET

Magda Régia de Oliveira Silva

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe)

magdareggia@hotmail.com

Resumo: O intuito majoritário deste trabalho é analisar, de forma minuciosa, a complexidade que envolve a produção poética de Bernardo Élis, bem como a motivação ou "des-motivação" que norteou a tomada de decisão do poeta quanto a não se enveredar pelo caminho do fazer poético; ao "bastar-se" de publicar apenas um livro de poemas - *Primeira Chuva* (1955) - importante objeto de estudo deste artigo. Ao analisar a produção literária bernardiana não se buscou, em momento algum, fazer uma comparação entre suas produções literárias – “em prosa x em verso” – como se fosse uma partida de futebol, na qual ambas as formas disputassem o primeiro lugar. Não é objetivo deste Artigo, também, “colocar na balança” a qualidade das obras de Bernardo Élis, independente do gênero usado para escrevê-las. Tal pesquisa teve como foco maior - "dar um mergulho" - tanto na vida quanto nas obras do escritor, em busca de "pistas" que possam elucidar o porquê da poética, do “fazer em poesia”, do “homem Bernardo Élis poeta” - parecerem adormecidos num mundo tão aquém do seu “fazer em prosa”.

Palavras-chave: Bernardo Élis. Poesia Adormecida. Contexto.

Abstract: The main purpose of this work is to analyze, in a thorough way, all the complexity that involves the poetic production of Bernardo Élis, as well as the motivation or "dis-motivation" that guided the poet's decision-making as to not embark on the path of do poetic; by "being enough" to publish only one book of poems - "First Rain" (1955) - an important object of study in this article. When analyzing Bernardian literary production, it was never attempted to make a comparison between his literary productions - “in prose x in verse” - as if it were a football match, in which both forms disputed the first place. It is not the objective of this Article, either, to “put in balance” the quality of Bernardo Élis's works, regardless of the genre used to write them. Such research had a greater focus - "take a dip" - both in the life and in the works of the writer, in search of "clues" that can elucidate the reason for the poetics, of the "doing in poetry", of the "man Bernardo Élis poet" - seem asleep in a world so far from their “doing in prose”.

Keywords: Bernardo Élis. Sleeping Poetry. Context.

"Quem se der o trabalho de examinar a história de Goiás ficará impressionado com a falta de memória histórica sobre seus principais vultos." (Élis, 1987, p. 4).

Introdução

Muito já se sabe, muito se produziu, produz-se e muito se lê sobre a prosa de Bernardo Élis; e isso é muito positivo, com certeza. Mas, e quanto ao fazer poético bernardiano, o que se sabe? Pode-se afirmar que um dos pioneiros do "batismo", da "trazida" do Modernismo para Goiás tenha se deparado com situações adversas que o levariam a publicar apenas uma coletânea de seus variados e ricos rabiscos poéticos - *Primeira Chuva* (1955)?

Motivos não lhe faltaram, no entanto a perseverança e o desejo do "menino de Corumbá" em fazer conhecida a voz literária goiana, além de suas fronteiras e através do seu fazer poético, gritaram mais alto que os "fantasmas" que insistiam em lhe servir de companhia durante toda sua vida. Foi necessário que se desse um recuo no fazer poesia de Bernardo, porém as motivações ou "des-motivações" que o levaram a tomar tal atitude não conseguiram parar o poeta dos excluídos; ele e o seu "fazer em poesia" apenas adormeceriam por mais de uma década, "cedendo" espaço pra que o seu "fazer em prosa", o homem Bernardo pudesse se fazer ouvido e elevando o sertão goiano, até então periférico e à margem do esquecimento.

É preciso que se encontre e analise os possíveis fatores e motivações que fizeram com que o "homem Bernardo", que tanto quis ser poeta (desde criança) e que trazia em suas veias o pulsar e a latência da poesia, "de repente" se enveredasse para o mundo da prosa; não que a cultura goiana não ganhasse, e muito, com essa guinada do poeta pro seu fazer em prosa, no entanto, mesmo com tamanha importância para o desenvolvimento cultural goiano, sua poesia é objeto maior dessa pesquisa.

Para que se possa encontrasse "pistas" que respondessem às indagações feitas neste Artigo, foi necessário dar um "mergulho" na complexa produção bernardiana, bem como analisar todo o contexto histórico em que Bernardo Élis estava inserido, seus sonhos e desejos, frustrações, bem como a realidade sócio/política/econômica goiana e brasileira de sua época. Foi preciso "trilhar" (através da pesquisa) o caminho árduo por ele "desbravado", até que sua produção literária goiana conquistasse espaço e servisse de modelo para tantos outros escritores, como também, ser

reconhecida e "encaixada" no novo modelo de se fazer literatura que havia conquistado os grandes centros culturais brasileiros do Brasil de então – o Modernismo.

O menino de Corumbá

Mal completara seus 12 anos e o filho do Sr. Érico Curado - poeta aclamado, de grande expressão na Escola Simbolista em Goiás - e da Sra. Marieta Fleury Curado - já escreveria seu primeiro conto - inspirado em "Assombramento" (de Afonso Arinos). Ficava evidente que o talento do menino Élis se apresentava neste momento. O pequeno Bernardo Élis, que teve contato com as primeiras letras em casa e com o próprio pai - nasceu em 15 de Novembro de 1915, na cidade de Corumbá-Goiás - no seio de uma família tradicional, mas teve uma criação humilde como se pode comprovar através de sua própria afirmação acerca dos seus primeiros anos de vida:

Nasci em uma família abastada. Morávamos numa casa antiga. Meu pai, Érico Curado, era poeta e assinava os mais importantes jornais da época, comprava todos os bons livros que eram anunciados nos jornais. Líamos bastante. A vida era muito pasmada, mas era agradável. (JO, 1996).

E sobre seu pai, Bernardo ainda disse:

Meu pai era um homem muito tímido, profundamente acanhado e delicado. Como pessoa tímida, quando irritado ou ferido em seu amor-próprio, tinha reações imprevisíveis, excessivamente violentas. Exerceu as funções de Promotor de Justiça na capital do Estado de Goiás, cargo de que desistiu sob a alegação de que sentia remorso por ser remunerado com o dinheiro obtido através de impostos geralmente cobrados de maneira injusta, pois os ricos, via de regra, conseguiam favores e isenções, recaindo os tributos sobre os necessitados. (RM – IEL – UNICAMP).

A literatura funcionava como um refúgio para Érico Curado, que era membro da Academia Goiana de Letras (AGL); fator este que propiciou a Bernardo um contato muito cedo com a cultura letrada. Acreditava-se, na sua família, que o fato de seu pai não se enriquecer devia-se ao seu apreço "exagerado" pela cultura. Érico começou como poeta simbolista e seu 1º livro - "*Iluminuras*" - foi publicado em 1913. Para muitos, Érico foi o iniciador do Simbolismo em Goiás e ele conheceu figuras simbolistas ilustres e famosas como o próprio Bernardo confirmou:

Meu pai conheceu, pessoalmente, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Coelho Neto, que eram figuras consagradas da literatura brasileira da época, porém nunca se aproximou deles. (ÉLIS, 1987)

Na verdade, Élis via em seu pai uma figura tímida, retraída; um comerciante que não se esforçava pra vender e, menos ainda pra ganhar dinheiro; mas mesmo que o descaso com a profissão fosse algo evidente, pelo menos na visão do filho Bernardo, isso não impedia seu pai de se sentir frágil e preocupado com as consequências que isso acarretava para todos na casa - principalmente na questão financeira. Segundo Élis, era comum ouvir, entre uma noite e outra, seu pai discutindo com sua mãe - Marieta Fleury Curado - sobre tais problemas:

Muitas vezes, altas horas da noite, eu acordava e ouvia vozes: era meu pai lastimando à minha mãe sobre os péssimos caminhos que os negócios estavam tomando. (ÉLIS, 1987)

Quanto à sua mãe - Marieta Fleury Curado - era bem diferente do marido - Embora de personalidade um pouco "apagada" e vivesse sob um regime familiar patriarcal, cheio de proibições; ela se interava dos assuntos em família, bem como os da pequena Corumbá. Foi costureira, professora e, mesmo sem muita formação, tinha sensibilidade poética, bem como possuía uma visão do orçamento da família bem melhor que seu marido. Os pais de Bernardo, assim como todos os outros moradores da velha Vila Boa, viviam um período de decadência em que o passado de glória não mais existia, restando-lhes apenas o prestígio do nome e, sendo assim, segundo Bernardo Élis, a falta de dinheiro estava sempre presente: *“O certo era que dinheiro não entrava e minha mãe tinha que se desdobrar na costura para ajudar na manutenção da casa”*. Ora, aqui se levanta uma questão: se a família de Élis era uma das principais representantes das oligarquias locais do Estado de Goiás, era portadora de significativo capital simbólico, político e econômico; por que o pai dele não usufruía de tais "apetrechos" familiares para conseguir um emprego melhor pra ele e pros próprios filhos? Veja o que disse o próprio Élis acerca de tal assunto:

Meu pai poderia ter usado de tamanho peso familiar e ter conseguido bons empregos para nós, desde quando estudávamos em Goiás, onde qualquer pessoa mais ou menos alfabetizada exercia função pública; porém ele não utilizou o capital simbólico que tinha para permitir uma rápida subida nossa nos quadros sociais. Aliás, meu pai nunca se abalçou sequer a enviar uma carta a alguém solicitando qualquer emprego que fosse. (ÉLIS, 1987).

Novos tempos... Novos rumos!

É sabido que o povoamento do Centro-Oeste brasileiro se deu de forma morosa e tardia, se comparado a outras regiões brasileiras. A ideia de transferir a capital de Goiás, que já durava há pelo menos 180 anos, foi reacendida e efervescida com a política do governo de Vargas em acelerar o desenvolvimento e o incentivo à ocupação do Centro-Oeste - Marcha para o Oeste. O sucesso da Marcha dependia da implantação de uma infra-estrutura básica que possibilitasse a migração de pessoas do Sul e do Sudeste; e dessa forma, Pedro Ludovico promoveu a mudança da capital. Tal desejo se pautava, também, no fato de que a Cidade de Goiás, primeira capital goiana, criada no século XVIII, havia sido fundada em razão da atividade aurífera naquela época e agora - **Vila Boa** - sofria com a estagnação econômica provocada pelo fim do ciclo do ouro na região, retroagindo a possibilidade de progresso na cidade. Em comunhão a isso, em 1863, José Vieira Couto de Magalhães (governante da província de Goiás), descreve em seu livro - *Primeira Viagem ao Rio Araguaia* - a situação decadente de *Vila Boa*:

Temos decaído desde que a indústria do ouro desapareceu (...) continuar a capital aqui é condenar-nos a morrer de inanição, assim como morreu a indústria que indicou a escolha deste lugar. (ÉLIS, 1987).

E dessa forma, no final de 1932, Pedro Ludovico Teixeira tomou as primeiras providências para que Goiânia fosse construída; em 02 de agosto de 1935, por força do disposto no artigo 1º do decreto estadual número 327, deu-se a denominação de Goiânia à nova capital (tal fato não será detalhado aqui, também, por não ser objetivo deste Artigo). Testemunha ocular do novo "rumo" destinado à nova capital, mesmo que tal mudança contasse com as persistentes oposições dos moradores da velha Vila Boa - O futuro advogado, professor, poeta, contista e romancista brasileiro e que se tornaria (até o momento) o único goiano a integrar a Academia Brasileira de Letras (ABL), assim descreveu aquele dia tão inesperado, indesejado por tantos vilaboenses:

Amanheceu chovendo em Goiás, no dia 4 de dezembro de 1935. Chuva miudinha, criadeira, de molhar bobo. O pobre escriba destas mal traçadas era um estudante que morava na Rua Nova do Presidente (Rua Cruz Machado), na mesma onde mais para cima residia o senador Totó Caiado. Ao levantar-se lá pelas seis horas, notou na rua muita gente pelas portas e janelas conversando. Talvez fosse assunto ligado a Santa Bárbara, cuja festa naquele dia se celebrava, na igreja a ela dedicada. Mas logo ao sair à porta, o prof. Luiz de Faria, de sua janela na casa fronteira, informava que Pedro Ludovico e o secretariado acabavam de passar por ali, de mudança para

Goiânia. Havia dúvidas, tristezas, nem tanto revolta, que não desapontamento nos rastros dos pneus dos automóveis. Eram os únicos rastros naqueles tempos de raros autos. Mas falemos baixo que parede tem ouvidos. Não havia jornal diário, mas a ocorrência, em seus mínimos pormenores, era conhecida e comentada nas rodas do Mercado, do Jardim Público, da ponte da Lapa, do Carmo. Triste e chuvoso, com a cidade ainda mais quieta do que habitualmente, o dia se arrastou longo e sombrio; pela tarde, antes que a sirena da usina elétrica gritasse, começou a circular o Correio Oficial que noticiava o acontecimento. O artigo, em certo ponto interrogava: a ida do Governador para Goiânia seria temporariamente? Seria definitivamente? Traumatizado, o vilaboense continuava a não acreditar muito. (ÉLIS, 1987, p.67)

Tal acontecimento provocou uma divisão: de um lado - Os que tanto desejaram e que agora, de forma definitiva, podiam vibrar com a mudança da capital; e do outro - a tristeza e o inconformismo dos moradores da antiga capital - Vila Boa. E quanto a Bernardo Élis, pode-se afirmar que não conseguiria se estabelecer, fixar morada de forma definitiva tão logo; e foram três os fatores que contribuíram pra que ele se deparasse com essa nova e não tão boa situação: a falta de dinheiro, a falta de terras pra que nelas pudesse trabalhar e, ainda, o fato de não poder contar com o apoio da sua família. Todo esse contexto vai "forçá-lo" a procurar por seu sustento de várias formas. É interessante perceber que nesse momento conturbado de sua vida, nasce em Bernardo um imenso desejo de ir tentar a vida no Rio de Janeiro ou em São Paulo, no entanto lhe faltam condições necessárias para tal e ele permanece em Corumbá, onde levará uma vida tranquila e resignada.

É, justamente, num momento de conflitos, buscas e tentativas de melhorias pra sua vida e através da leitura de alguns livros que conseguiria com um amigo - João Luís de Oliveira - político, jornalista e ex-prefeito de Anápolis (com quem muito irá aprender); que o filho de Corumbá trilhará novos rumos. Pode-se dizer que aqui se dá o início da formação do, ainda, jovem e futuro escritor Bernardo Élis. No entanto, faz-se necessário registrar neste artigo, de forma sucinta, algumas produções/contribuições que Bernardo já havia se "arriscado" a fazer: ele havia contribuído com o jornal "A voz do povo" (na cidade de Goiás) e, também, no jornal "O Lyceu", onde publicou poemas sobre a vida estudantil; por volta de 1933 ele publicou alguns dos seus poemas em jornais da terra, bem como nas redações de jornais e na "Livraria de Apulco de Alencastro" (largo do Jardim), importante jornal da cidade de Goiás que realizava críticas sobre a "dominação caiadista". O que se pode ver aqui é que já "reluzia", em pequenos flashes, um grande poeta e crítico literário/social que - pelo menos é o que parece - ainda não fora definido, ajustado, alinhado de forma definitiva.

O ano era 1938 - Dezembro - E aconteceu aquilo que pode ser chamado de "porta aberta pra mudança de vida" de Bernardo. Ele recebeu um telegrama que lhe oferecia um emprego na nova capital; a mesma capital que outrora lhe "tirou o chão" e lhe trouxe tanta dificuldade. Seu amigo - Venerando de Freitas Borges - oferecia-lhe um serviço: secretário do então prefeito de Goiânia mais oitocentos mil réis. Embora fosse, ainda, um escritor sem muito saber, simples, sem muita representividade, Bernardo, nessa fase de sua vida, não parou seus trabalhos literários, mesmo com as admoestações constantes de seu pai acerca da tentativa em vão da empreitada em Goiás. Ora, o que se vê aqui é um Bernardo sonhador e muito persistente naquilo que já tendenciava buscar pra si e que agora poderia escolher entre ir ou ficar; e ele vai, mesmo com as advertências do pai:

Na prefeitura de Goiânia em 1939, telegrafava-me para Corumbá, onde eu exercia as funções de Escrivão de Cartório de Crime, convidando-me para ser seu secretário na prefeitura. Não vacilei e vim correndo. (Entrevista de Bernardo Élis para Miguel Jorge. s.d. Página 7. CEDAE/Acervo Bernardo Élis).

Vida nova na nova capital... Novos e velhos problemas!

A chegada de Bernardo à nova capital do estado finalmente acontece. No dia 05 de Janeiro de 1939, o menino de Corumbá dá início ao seu novo emprego; mas ele era pretensioso e persistente nos seus objetivos para com o futuro e não havia desistido da ideia de se mudar para o Rio ou São Paulo. Seu objetivo maior era juntar o máximo de dinheiro possível, através do seu novo emprego na nova capital de Goiás, pra se mudar logo. Torna-se interessante e fundamental, a este Artigo, a percepção que se tem de que mesmo se mudando pra Goiânia os problemas financeiros de Bernardo continuam sendo empecilhos, tanto na sua pessoal quanto na sua pretensão, desejo de se mudar para uma cidade litorânea em busca de uma “vida melhor” que lhe facilitasse sua inserção no mundo literário moderno... Mas não seria dessa vez.

Enquanto isso, o Modernismo se apresentava ao Brasil e com maior acentuação nos estados do Rio e São Paulo, terreno fértil pra que esse novo jeito de “fazer literatura brasileira” e seus ideais libertários, quanto à forma e ao velho tradicionalismo, conquistassem espaço significativo na sociedade brasileira de então. E foi o que aconteceu, principalmente na produção de obras regionalistas - com destaque para as regiões Norte e Nordeste, de onde surgem grandes obras

escritas por grandes nomes da literatura brasileira, tais como: Rachel de Queiroz - Graciliano Ramos - José Lins do Rêgo e tantos mais.

Já em Goiás, um sertão periférico à margem do desenvolvimento, onde tanto seu espaço geográfico quanto seus moradores e sua cultura não ofereciam muita significância para o “novo Brasil moderno”, toda visão era despejada sob uma ótica negativista de um estado que caminhava na contramão do progresso, periférico, fora da “conexão” existente entre Rio/São Paulo. Deve-se ressaltar que alguns fatores de ordem política e econômica (assunto que não será estendido neste artigo, embora de grande relevância para um melhor entendimento do atraso literário goiano), tanto internos quanto externos, também colaboraram para que as primeiras produções literárias modernas em Goiás caminhassem a passos lentos, se comparadas a outras regiões. Tal morosidade pode ser constatada nas palavras do poeta Gilberto Mendonça Teles, um dos maiores críticos da literatura bernardiana:

Apenas a partir de 1930, e de modo mais concreto depois da inauguração de Goiânia como a nova capital, a literatura goiana conseguiu estar em sintonia com o que acontecia nos centros culturais do país; e de forma esparsa, as manifestações modernistas aconteceram lentamente, pois “quando se esboça o movimento moderno em Goiás, o modernismo nacional caminhava para a sua terceira fase (TELES, 1965, p.137).

Quanto ao fato de Goiás “aderir”, engrenar-se ao novo movimento, é sabido que isso não se deve a um, mas à junção de vários fatores (e todos de tamanha relevância) que contribuiu para que a visão passadista literária de então, tomasse novos rumos, através da junção dos ideais de alguns autores goianos; dentre eles - Bernardo Élis; porém, dentro do que propõe este Artigo, apenas um desses fatores ganhará ênfase – *A revista “Oeste”* (que circulou de 1942 até 1945).

Talvez sem a existência da *Revista Oeste*, tornar-se-ia difícil a junção dos primeiros modernistas goianos buscando um mesmo ideal renovador; e mais difícil, ainda, seria conseguir o interesse da classe acadêmica de Goiás em lê-los e ouvi-los. Pode-se afirmar que, graças à *Oeste*, os primeiros modernistas goianos (embora esse grupo viesse a se desfazer em 1950) abriram caminho pro surgimento de outras revistas e outros grupos de escritores (embora de tamanha importância, não será discutido aqui). E entre esses grandes autores, responsáveis pela materialização do Modernismo em Goiás e pelas seguintes publicações que viriam, destaca-se, de forma especial - Bernardo Élis. É importante lembrar que o “grupo” de Bernardo não foi o primeiro a investir, arriscar-se em tal feito:

Não podemos nos esquecer de que Goiás recebe sua primeira influência modernista através da figura do poeta Leo Lynce. Essa entrada do Modernismo brasileiro buscou adotar “concepções nacionalistas, de reformulações temáticas, de inovações através de uma linguagem, valorizada nos seus múltiplos recursos de expressividade.” (TELES, 1964, p. 21).

Infelizmente, essa primeira influência modernista não durou muito e nem teve condição suficiente pra formar um grupo artístico forte e capaz de elevar os goianos ao mesmo patamar que se via nos grandes centros do país. Segundo Teles:

Existe certo exagero em datar de 1922 os princípios da poesia moderna em Goiás. Tratava-se de um caso à parte, de um escritor sintonizado com a sua época, não havendo, porém, por parte dos outros escritores e do público, nenhuma aceitação dos princípios modernistas, o que só vai ocorrer, na verdade, vinte anos depois, em torno da Revista “Oeste”. Só então a literatura toma “um sentido de auto-afirmação, produzindo obras de poesia, conto, romance, teatro e crítica, procurando assim uma positivação regional na literatura brasileira (1964, p. 26).

Álvaro Catelan (CATELAN & GOYANO, 1968 p. 160) afirma que: “Bernardo Élis, em (consciência com o grupo “Oeste” - revista defensora dos ideais Modernistas - introduziu, de forma definitiva, o movimento iniciado por Mário de Andrade e Oswald de Andrade, em Goiás. Apesar de ter tentado a poesia ele fixou-se, de vez, na prosa, representando o que há de melhor no regionalismo de Goiás e projetando as letras anhanguerinas no plano nacional”. Ora, o que pensar diante de tal afirmação sobre Bernardo? Convém observar que a expressão – “apesar de ter tentado a poesia” – sugere uma tentativa seguida de uma desistência. O que levou Bernardo Élis a “trocar” a poesia pela prosa, uma vez que se conhece seu grande desejo de se mudar pro Rio ou São Paulo com intuito de publicar seus vários poemas? E por que Bernardo, segundo Catelan, fixou-se, de vez, na prosa? Buscar “pistas” que possam evidenciar os reais motivos dessa “barganha” é o intuito maior deste Artigo.

A tão sonhada mudança para o Rio de Janeiro e a rejeição da poesia que ficou pra depois: um curto período de muitas frustrações e ressentimentos

O menino de Corumbá, agora homem, realizará seu antigo desejo: mudar-se para um dos centros culturais litorâneos que há muito almejava – Rio de Janeiro. Já foi dito neste Artigo que

desde 1934, Élis já participa dos acontecimentos literários do Brasil central, escrevendo poesias e enviando colaborações de cunho modernista para os jornais de Goiânia. Diante de tal informação, deve-se observar que Bernardo já escreve poesia bem antes da publicação do seu 1º livro de contos - *Ermos e Gerais: Contos Goianos* – que só viria a acontecer mais tarde, já em 1944; ou seja, 11 anos depois de suas "inibidas" participações como escritor. E é aqui, neste momento de sua vida, que entra uma parte de extrema importância para se buscar "pistas" que ofereçam uma melhor compreensão acerca do "*não fazer poético bernardiano*" em larga escala assim como foi o seu "*fazer em prosa*".

Em 1942, Bernardo se muda para o Rio de Janeiro com a intenção de lá fixar morada; e ao fazer isso ele levou consigo um livro de poesias e outro de contos (ambos de sua autoria) com a pretensão de publicá-los assim que lá chegasse; mas não foi bem isso que aconteceu. Fica evidente que o deslocamento de Élis no sentido: Corumbá – Goiás – Corumbá – Goiânia propiciou ao escritor, principalmente após a sua inserção no espaço sócio/cultural goianiense, uma evolução tamanha, tanto na sua postura intelectual quanto literária, bem como também, contribuiu pra que ele colocasse em prática o velho desejo de morar no Rio. Mas por que Bernardo não publica suas obras lá e decide voltar pra Goiás? Que motivações ou “des-motivações” o levaram a tomar tal atitude? Talvez se possa encontrar alguma “pista” no que descreveu a escritora goiana Nelly Alves de Almeida (1970, p. 28):

As questões históricas brasileiras nos primeiros anos do século XX mostraram um país que pouca influência exerceu sobre as regiões do centro e talvez por isso, essa poesia marcadamente modernista tenha impedido que o seu próprio autor a publicasse, protelando o feito até que o terreno se tornasse menos estranho à sua produção. Some-se a isto a timidez do escritor goiano que, ao fazer sua segunda viagem ao Rio de Janeiro, em 1943, tendo concluídas na bagagem as obras *Ermos e Gerais* e *Primeira Chuva*, não teve coragem de apresentá-las para possível publicação, seu grande intento.

A timidez de Bernardo, bem como a falta de dinheiro e o medo continuarão lhe “trazendo” alguns dissabores; pautando no que se refere à sua timidez, foi o próprio escritor quem disse em uma entrevista –“É congênita” – e é possível confirmar tal fato se baseando na afirmação da escritora Nelly, na citação acima: ...”*não teve coragem de apresentá-las para possível publicação...*”. Ora, fato de faltar coragem a uma pessoa vem antecedido, geralmente, pela timidez que a faz se tornar introspectiva, sem muita condição pra falar ou agir de forma natural,

desinibida. Já o fato dele não possuir dinheiro o suficiente para custear sua nova vida no Rio e tampouco suas publicações, só reafirma a ideia de que o “fantasma” da falta de dinheiro continua lhe assombrando, “barrando”, retardando a concretização de alguns velhos desejos seus e, infelizmente, esse aspecto financeiro vai nortear Bernardo durante toda sua existência. Pesava-lhe, também, o fato de pertencer a um estado de região central, considerado um sertão periférico, à margem da evolução moderna, totalmente atrasado e sem muito pra oferecer; uma região onde o número de intelectuais era, comprovadamente, pouquíssimo, uma vez que o povo de Goiás não enxergava o *fazer poético* como algo necessário, promissor e muito menos atraente. Pode-se ver, de forma clara, que agora Bernardo contava com dois tipos de entraves na tentativa de alavancar sua carreira literária: os internos e os externos.

A lista “recheada” de motivos ou “des-motivos” que se supõe ter provocado um recuo, um retardo no *fazer poético bernardiano* não para por aqui; vivendo num pós-guerra, tornou-se incomum encontrar pessoas que muito se interessassem por poesia, pois imbuídos na efervescência do novo estilo literário – o Modernismo – os grandes centros culturais brasileiros vislumbravam com o romance regionalista vindo, principalmente das regiões Norte e Nordeste. Não bastasse isso, Bernardo, também, trazia “nas suas veias” toda essa gama (já mencionada acima) sócio/histórico/cultural da realidade vivida por ele em Goiás naquele período e, infelizmente, o filho de Érico Curado passaria, ainda, por uma grande decepção quanto ao sonho, desejo de publicar seus dois livros na cidade do Rio de Janeiro. Infelizmente não seria dessa vez que o responsável pelo “alastramento” do Modernismo em Goiás teria seu livro de poemas publicado e, embora não lhe faltassem argumentos e depois de muitas tentativas de porta em porta, nenhuma editora demonstrou interesse pelos seus originais.

Fica claro que após os tantos “nãos” que a vida na “cidade maravilhosa” lhe impôs, uma profunda frustração acompanhada de um grande ressentimento faz com que Bernardo perceba que a tentativa de levar a sua poesia inovadora, principalmente na forma, além do Centro-Oeste goiano, fora frustrada (pelo menos desta vez). Somado tal acontecimento aos demais fatores já citados, só lhe “sobrou” uma alternativa: regressar pro seu estado, pra Goiânia; e ele volta.

Ao retornar pra Goiás, decepcionado e trazendo na mala seus “rabiscos poéticos”, até então “rejeitados”, ele decide “engavetar” os originais de seus vários poemas – “*Primeira Chuva*”. Tal fato provocará um recuo na sua produção poética, um “*adormecimento poético bernardiano*”;

momento em que o *poeta homem* ficará adormecido dentro dele; no entanto, é graças a este turbilhão de “incidentes” que o *menino de Corumbá*, já de volta a Goiânia, funda a revista *Oeste* e nela publica o conto *Nhola dos Anjos* e a *Cheia de Corumbá* (1942).

Há um tempo pra todas as coisas

Com o intuito de não se enveredar por outros “caminhos” da vida de Bernardo, bem como se atendo ao objetivo maior deste Artigo, alguns acontecimentos na vida do “menino de Corumbá” até sua ascensão no mundo literário, não serão discutidos e analisados. Um fato curioso é que a “passagem” de Bernardo pelo Rio em busca da publicação do seu *fazer poético* acontece num curto período até que ele retorne a sua terra goiana. Ele desistiria de tudo? Seria o fim do *fazer poético bernardiano*?

O maior escritor regionalista de Goiás não se deu por vencido, apesar de não lhe faltar motivos para tal, e decidiu que era hora de se dedicar à prosa, pois ele percebeu que a prosa modernista estava em ascensão naquele momento e não a poesia. Bernardo foi um homem que soube aproveitar todas as oportunidades que a vida lhe apresentou, fossem elas de qualquer natureza. Chegara, finalmente, o tempo em que o único goiano a ocupar uma cadeira na ABL (inscrito por seu grande amigo Gilberto Mendonça Teles – aquele que se tornaria o maior crítico das obras bernardianas) – tornar-se-ia a voz do Centro-Oeste, a voz de Goiás. O “menino de Corumbá” almeja mais; ele quer ver Goiás e Goiânia se ascenderem pelo prisma poético; e mais – Desejava ser o tradutor, o mediador dessa ascensão; no entanto isso só vai acontecer com a sua prosa e, sendo assim, seria só uma questão de tempo pra que houvesse uma quebra dos paradigmas antigos na forma tradicional de se fazer arte literária.

O pontapé inicial, se é que pode ser assim denominado, para que Bernardo Élis migrasse de vez para o “*fazer em prosa*” vai acontecer no ano de 1944, com a publicação de sua obra de contos – *Ermos e Gerais* – vencedora da primeira edição da Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos, concurso criado pelo governo municipal da recém-fundada Goiânia, agora capital de Goiás, como estímulo para o crescimento do cenário cultural goianiense. Bernardo foi muito elogiado pela crítica; e ainda que seu livro de contos apresentasse algumas limitações, isso não impediu que grandes intelectuais da época, alguns lidos e admirados por ele, lançassem suas críticas positivas acerca de seu livro de contos: Herman Lima, Ildeu Brandão, Monteiro Lobato,

João Acioli, Mário de Andrade, Dias Costa e outros; até o já reconhecido na literatura brasileira, Monteiro Lobato, escreveu-lhe uma carta reconhecendo seu grande talento e a primazia de seu livro de contos:

Acabei de ler *Ermos e gerais* e o livro está prejudicado pelo excesso de talento do autor. Como derrama!... Parece uma taça de champanha abruptamente cheia demais e que se derrama toda! Se você conseguir disciplinar, amansar o cavalo bravo do seu talento, e se admitir que um livro não é escrito para nós mesmos e sim para receptores espalhados por esse mundo afora e chamados “leitores”, teremos em Bernardo Élis o mais prodigioso escritor do Brasil Moderno, o primeiro grande manejador da imensa massa de dores, estupidez crassa e tragédia que é o imenso Brasil analfabeto do interior. Com esse material e o seu gênio, meu caro Élis, você opera em nossa literatura uma revolução ainda maior do que foi na Rússia o comunismo (LOBATO apud ÉLIS, 2000, p. 144).

O “menino de Corumbá”, que ainda trazia na sua personalidade o medo, a timidez e o ressentimento de outrora, agora se dividia em metade susto e metade entusiasmo diante de um reconhecimento tão rápido e significativo não só pra ele, mas também para Goiás. Nem ele mesmo esperava que seu livro de contos fosse causar tanto e ao ser perguntado sobre tal acontecimento, Bernardo respondeu:

Desde que meu primeiro livro, *Ermos e gerais*, caiu no conhecimento do Rio de Janeiro e de São Paulo, os dois centros culturais, ao tempo mais que hoje definidores da opinião brasileira, percebi que estava causando sucesso, isto é, que o livro estava sendo bem recebido. Os críticos mais importantes haviam-no registrado com palavras enaltecedoras e incomumente elogiosas, como foi o caso de Monteiro Lobato, Alceu Amoroso Lima, Mário de Andrade, Sérgio Milliet e outros. A imprensa em geral comentou o livro e fez indagações. O bom acolhimento não decorria de nada que não fosse o próprio valor da obra, pois eu era totalmente desconhecido: Goiás onde eu vivia, era ignorada, o livro nem prefácio ou apresentação tinha, eu não encomendara nenhum elogio não só porque o não faria e, principalmente, porque não sabia que se poderia utilizar semelhante recurso. (RM – IEL – UNICAMP).

Com certeza, a guinada para a chegada dos novos parâmetros literários em Goiás teve uma contribuição fundamental, indubitável de Bernardo Élis que levou seu nome e do seu estado a se destacarem, mesmo que de forma abreviada, no cenário literário nacional. Sob a alcunha de “maior contista do Brasil Central” era chegada a hora do “*menino de Corumbá*” mostrar pra que veio; e, em meio à efervescência da forte presença da literatura regionalista de autores vindos da região Nordeste tais como: Graciliano Ramos, José Lins do Rego e tantos outros; as inúmeras premiações em homenagem e reconhecimento à produção bernardiana não tardariam (mas não serão percorridas e enumeradas neste Artigo, embora sejam de importância elevada); no entanto

basta um olhar crítico, mais atento para as respostas que Bernardo dava às perguntas feitas a ele nas inúmeras entrevistas que concedia e não será difícil perceber que o “velho” ressentimento, frustração e decepção com os fatos que lhe cercaram outrora, tanto pessoais quanto de cunho literário, ainda existiam e se encontravam submergidos dentro do *homem poético adormecido*. Isso fica evidente numa entrevista concedida por Élis ao escritor goiano – Miguel Jorge, quando perguntado como se via e se sentia como escritor:

Como escritor levei pouco a sério essa atividade. Até quando publiquei *Ermos e Gerais*, embora querendo o contrário, tinha vergonha ou constrangimento em parecer escritor, de que assim me chamassem ou mesmo de me apresentar como tal. A censura era ditada pela alta estima em que eu colocava o ofício de escrever. Após *Ermos e Gerais* continuei sempre vacilando em enfrentar a literatura de peito aberto e totalmente, continuando a alternar a profissão de escritor com outras que igualmente nada me trouxeram em dinheiro e muito menos alegria. [...] Com referência a minha obra, basta dizer que sempre me dominou a vacilação para esclarecer que não tenho dela uma visão segura: não sei se presta, nem se não presta. Valerá a pena perder tudo no mundo e fazer uma literatura em que os anos, amanhã ou mesmo hoje irão mostrar nada valer? Aí perdido por ter cão, aí perdido por não ter cão. (CEDAE – IEL- UNICAMP).

Ao se analisar a resposta de Bernardo Élis, suas palavras não deixam dúvidas quanto ao fato de que as mesmas motivações e “des-motivações” de outrora, ainda permanecem vivas, acesas dentro dele, mesmo com o “sucesso” de seu livro de contos – *Ermos e Goiás*. O ressentimento, a frustração pessoal e literária, a timidez seguida do medo e a falta de dinheiro, ainda acompanham o “menino de Corumbá.

O despertar da poesia bernardiana outrora adormecida – “Primeira Chuva”

Na década de 50 o estado de Goiás já provava da influência que o crescimento econômico vinha exercendo em âmbito nacional; e é em meio a esse contexto que Bernardo Élis decide publicar, pela editora *Oriente*, seu primeiro (e único) livro de poesias – *Primeira Chuva* (1955), que apesar de ter sido escrito e organizado bem antes do lançamento de – *Ermos e Gerais* (1944) – só foi lançado 11 anos mais tarde. No entanto, quanto aos possíveis fatores que possam ter contribuído pra que houvesse esse recuo, esse “adormecimento” na publicação da poesia *bernardiana*, bem como as motivações ou “des-motivações” que levaram Bernardo Élis a migrar pro “*fazer em prosa*”; estes já foram mencionados e analisados neste artigo. O “menino de

Corumbá”, agora enveredado pro “*fazer em poesia*”, decide retirar da “gaveta do adormecimento” os seus originais de poesia como intuito de publicá-los; ora, eram os mesmos originais que outrora foram rejeitados pelas editoras do Rio de Janeiro. *Primeira Chuva* chega num momento de euforia e esperança de dias melhores no Centro-Oeste goiano. O progresso desenvolvimentista era real; Goiás não seria mais o sertão de outrora (pelo menos era no que se acreditava). Com os ideais do Modernismo já familiarizados, alastrados em terras goianas e somados ao cenário positivo da época, pode-se afirmar que o momento era festivo e é, justamente, em meio a esse contexto que Bernardo Élis apresenta à sociedade –*Primeira Chuva* – obra composta por 35 poemas e causadora de impacto logo após seu lançamento. Tal choque se deu pelo fato de muitos dos seus leitores estarem aquém da evolução do escritor:

O espanto do público devia-se de forma mais direta pela forma com que o goiano escrevia, e isso assinala que Bernardo Élis foi o primeiro dentre nós a refletir influências da linguagem de Bandeira e Mário de Andrade, escrevendo poemas cujo objetivo era mais provocar do que encantar a público leitor. Apegou-se aos poemas-piada, adotou soluções antipoéticas e procurou carrear para seu poema toda uma linguagem revolucionária que ele soube utilizar para o aproveitamento de temas regionais, de cor, local e humanos, que muitas vezes escandalizavam os leitores da época. (TELES, 1983 p. 139)

O maior regionalista goiano, seguindo em direção contrária a do olhar fervoroso que “esquentava” aquele momento de tantas expectativas e euforia (já citado), faz de Vila Boa – antiga capital de Goiás – o cenário principal de sua obra “explosiva” por onde o sujeito lírico, presente na maioria dos poemas que compõem *Primeira Chuva*, “passeia” pela velha capital de Goiás em busca de conseqüências advindas da modernidade com o propósito de fazê-las conhecidas por vias poéticas, porém conservando a postura de um sujeito lírico mais realista, tomado por um forte pessimismo com relação aos conflitos e as distinções entre os dois espaços que norteiam toda a obra: o anterior (Vila Boa) e o novo (modernidade) – e que de forma clara, porém poética, esses mesmos espaços estão comprometidos de tal maneira, que negar a modernidade se torna impossível, mesmo sob a perspectiva crítica e pessimista do sujeito lírico diante do fim das coisas. Sobre “*Primeira Chuva*”, no prefácio à edição de 1971, José Godoy Garcia lembra que essa poesia não é apenas a poesia da cidade velha, mas da alma velha, de um mundo velho, elaborada sob a forma nova. E, ainda, nas palavras do crítico e escritor sobre a mesma obra ele disse:

Era uma novidade que nos deliciava a todos, juventude e gente simples do tempo [...], a poesia de Bernardo Élis, material e corpórea, era um fato, e o mais que a “liberdade” de criação fiel à justa renovação formal pôde nos legar (ÉLIS, 1971, p. 07).

O “menino de Corumbá, mesmo após realizar seu antigo desejo de publicar suas poesias, por tanto tempo adormecidas, novamente irá devolvê-las à “gaveta do adormecimento”; e dessa vez o “*homem poeta Bernardo*” ficará adormecido juntamente com elas. Ora, se tudo parecia ter dado certo, por que o poeta “abandonaria” o seu *fazer poesia*? Percebe-se na fala e nas entrevistas de Bernardo que, mesmo após tantos anos, o “velho fantasma” da timidez, da falta de dinheiro, do medo, das frustrações vividas, dos “nãos” recebidos, dos entraves que se colocaram diante da sua entrada no mundo literário, do ressentimento que insistia em não lhe abandonar e, principalmente, do seu profundo pessimismo e descrédito acerca do ofício da escrita, ainda insistia em lhe fazer companhia. Em julho de 1996, Bernardo Élis concedeu uma entrevista para o Jornal Opção e afirmou:

Há um preconceito muito grande para com os regionalistas, que são muitas vezes vistos como propagadores de uma literatura sem muitas qualidades.

E na mesma entrevista, aos 82 anos de idade, pode-se confirmar, através de sua fala, que o caráter melancólico de Bernardo ainda era o mesmo de outrora, levando-o a afirmar que não acreditava que teria o reconhecimento esperado, vindo dos seus próprios conterrâneos:

Goiás nunca foi dado à literatura e a minha sempre foi muito perseguida não só pela aversão da sociedade goiana ao mundo literário, mas também por apontar os problemas dos menos favorecidos, criticar o coronelismo, fazer denúncia social e outros mais. Na verdade, no começo do século XX no estado de Goiás ainda havia muitas posturas preconceituosas.

As dificuldades financeiras, bem como toda a gama de obstáculos, frustrações e a falta de valorização que o ofício das letras lhe vinha proporcionando; não só a ele como a outros escritores de sua época, evidenciam-se, de novo, através de suas palavras, que funcionam muito mais que “pistas”; elas comprovam e reafirmam a ideia de que o “menino de Corumbá” ainda, vive na

companhia de seus “fantasmas antiliteratas” que, juntos, ainda insistem em adormecer o seu “*fazer em poesia*”. Numa entrevista a Miguel Jorge, perguntado sobre a importância de um ordenado fixo para seu ofício de escritor, Élis responde:

Acho que é fundamental para o escritor contar com liberdade econômica. Com isso, entretanto, não quero afirmar que precise ser rico ou ter largueza que o dispense de trabalhar. Não: quero dizer que ao escritor devem ser reservadas atividades compatíveis com o ofício de escritor; digamos: jornalismo, magistério, propaganda. Mas tudo de maneira que lhe sobre vagar para participar da vida de sua comunidade. Como li [...] acho também que depois dos 40 deve o escritor cuidar de gozar de uma situação que lhe permita produzir sem se preocupar muito com outras coisas, pois é nessa idade que ele atinge o apogeu de técnica, de cultura e de capacidade de trabalho na sua arte. (ÉLIS, s.d. s.p).

Fica claro que o esforço do “menino de Corumbá” em evidenciar a cultura de Goiás e se tornar o representante cultural goiano não seria tarefa fácil e, com certeza, lhe traria muitos dissabores. Porém ele não desistiria, mesmo que os seus conterrâneos, por ele representados, não reconhecessem tal empreitada. É importante observar que ao “desengavetar” os seus rabiscos originais de *Primeira Chuva* (outrora “engavetados” por ele e os motivos já comentado neste artigo), Bernardo ratifica o compromisso que fizera com ele mesmo e não desiste de tentar (pela segunda vez) publicar aquele que se tornaria o seu primeiro livro de poemas; e dessa vez ele consegue (conforme já analisado e discutidos nos parágrafos acima); porém o maior regionalista do Centro-Oeste goiano, o “*homem poeta bernardiano*”, entraria pra história literária brasileira com um único livro de poemas publicado – *Primeira Chuva* – no qual a voz de Élis se funde à voz do sujeito lírico (figura central na maioria dos 36 poemas que compõem tal obra) com o objetivo de ecoar as desigualdades sociais, o analfabetismo, as contradições entre o novo e o arcaico, a tentativa em vão de negar o moderno; o desamparo dispensado ao sertão (excluídos), um sertão afastado da civilização, porém goiano.

E o reconhecimento não veio, Bernardo estava certo. Saem de cena o poeta e sua poesia?

Ainda sem conseguir se livrar do velho fantasma da frustração, do ressentimento, do medo, da melancolia e da “timidez congênita” (assim denominada pelo próprio poeta) que o acompanhou durante toda sua vida; no dia 08 de junho de 1997, cinco meses antes do seu falecimento, Bernardo daria sua última entrevista para o jornal “*O Popular*”. A sua resposta, em tal entrevista, confirma o

que já fora dito neste Artigo sobre o fato de que mesmo tomado por tantos ressentimentos ao longo de sua “caminhada”, o “*menino de Corumbá*”, sem o reconhecimento do povo do seu próprio estado, não desistiu do seu compromisso em se esforçar para que a cultura de Goiás fosse evidenciada além de suas fronteiras: “Eu me sinto excluído também, porque todo interior do Brasil, fora do Rio de Janeiro e São Paulo, é excluído do mercado”. (O POPULAR, 8/61997).

Na luta contra a falta de reconhecimento seguida do esquecimento, não apenas com referência a Bernardo e sua grande contribuição para a história literária brasileira, bem como a sua representatividade de autor goiano, o então senador de Goiás – Mauro Miranda – usou a bancada do Congresso Nacional pra fazer seu pronunciamento:

A causa que me traz a essa tribuna é modesta. Ela tem o sentido de homenagem ao nome ilustre que mais contribuiu para enriquecer a presença de Goiás na História da literatura brasileira, ao lado de saudosos expoentes como Carmo Bernardes e Cora Coralina”. Apesar de todo reconhecimento de seu patrimônio literário, Bernardo Élis não deixa de ver-se como um intelectual de província, ou tratado como tal, na repercussão de sua obra. Vive de modesta aposentadoria de três salários mínimos, fala da vida espartana dividida com a mulher querida, e não esconde alguns queixumes sobre os limites expostos aos escritores que permaneceram longe dos grandes centros. (MIRANDA, 1997, p.1).

Ao mencionar as dificuldades financeiras que Bernardo Élis ainda enfrentava, já próximo à sua morte, o então senador Mauro Miranda ratifica o já dito neste Artigo quanto ao fato da escassez de dinheiro ter sido um fator atenuante durante toda sua vida; porém como já mencionado neste Artigo, os problemas financeiros não foram os únicos fatores que motivaram ou “des-motivaram” o “*menino de Corumbá*” – bom poeta que era – a publicar apenas um livro de poesias de sua autoria – *Primeira Chuva*. Da publicação dos seus poemas (1955) até a data de sua morte (1997) quarenta e dois anos se passaram e o “*menino de Corumbá*” permaneceu em silêncio juntamente à sua poesia e, sendo assim, poder-se-ia afirmar que ambos foram “engavetados” novamente? É sabido que nesse ínterim Bernardo retoma a sua prosa, através da produção de seus contos, e isso não é de se estranhar já que agora ele era nacionalmente conhecido como “o maior escritor regionalista do planalto central” e sendo assim, a poesia não seria algo muito encantador e muito menos atrativo diante do contexto da época (já discutido). No entanto, mesmo tendo o escritor se enveredado pro *fazer em prosa*, o seu “eu” poético não morreu; “o *poeta homem*” permaneceu dentro dele e continuava vivo, latejante e isso se comprova ao fazer uma leitura de suas obras em prosa que na

verdade, se analisadas, são prosa poética. A poesia bernardiana ainda não saía de cena, mesmo que engavetada.

No dia 30 de novembro de 1997, o “menino de Corumbá”, o “*homem poeta bernardiano*”, dessa vez sairia de cena pra sempre. A edição daquela segunda-feira (01/12/1997) do jornal – “*O Popular*” – o jornal mais famoso de Goiás (pelo menos na concepção da maioria e ainda existente), anunciava a morte de Bernardo e trazia como chamada: “*Goiás perde o escritor Bernardo Élis*” Na intenção de ratificar a importância de Bernardo pra Goiás e pro Brasil, alguns intelectuais das letras goianas se manifestaram:

Perdemos a maior expressão de nossas letras. Lamento que o corpo seja trasladado para o Rio de Janeiro. Bernardo Élis jamais será esquecido. (Maria do Rosário, presidente da AGL)

Com a morte de Bernardo Élis, Goiás não perde só um capítulo da história, mas um livro completo. Ele ensinou toda uma geração a ler, escrever e meditar sobre Literatura. (José Mendonça Teles, escritor)

Foi o escritor que projetou Goiás, com vários contos traduzidos em várias línguas. Essa é uma perda irreparável. (Moema de Castro e Silva, crítica literária e escritora). (O POPULAR, 1/12/1997).

Insistir em afirmar que o reconhecimento e a valorização a tudo que a produção literária de Bernardo Élis (tanto em prosa quanto em verso) proporcionou principalmente ao povo goiano seria uma ironia seguida de falta de informação; no entanto, o próprio Bernardo temia que isso pudesse acontecer (já citado). O “menino de Corumbá” cumpriu o juramento que fez: o sertão goiano rompeu a sua fronteira e agora tinha um porta voz da sua cultura, inclusive na Casa de Machado de Assis e, mais ainda, deixou as portas da fronteira goiana escancaradas para que outros letrados pudessem dar continuidade ao trabalho literário que ele produziu, e o fez bem. Que o poeta saiu de cena já se sabe, porém quanto a sua poesia, embora adormecida, ela ainda não saiu. Segundo o presidente do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE) – Dr. *Bento Alves de Araújo Jayme Fleury Curado* – Nos últimos 10 anos de sua vida, Bernardo Élis volta a escrever poesia, todas elas inéditas e escritas à mão; todas dedicadas a sua 2ª esposa, a também escritora – *Maria Carmelita Fleury Curado* – com quem viveu até a sua morte. Durante uma entrevista pediram pra que Maria Carmelita falasse sobre o Bernardo marido e ela disse: “**Bernardo** era um homem de extrema bondade, com o olhar sempre voltado para o outro, em busca de que a justiça social fosse feita”.

É sabido que a justiça social, tão sonhada pelo “menino de Corumbá, nunca aconteceu. Inteligente, atemporal e articulador com as palavras que era – Bernardo, através de *Primeira Chuva* “mandou o seu recado” não só quando usa seus poemas para denunciar as injustiças sociais e se coloca ao lado dos excluídos, mas também ao assumir o papel de mediador (mesmo assumindo o papel do sujeito poético) entre as contradições tão gritantes entre saber conservar e valorizar o antigo e, ao mesmo tempo equilibrar a euforia que surge diante do novo; porém sem negá-lo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Presença literária de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1970.

CATELAN & GOYANO. **Súmula da Literatura Goiana**. 1º Ed. Goiânia: Editora livraria Brasil Central, 1968.

ÉLIS, Bernardo. **Primeira Chuva**. Goiânia: Oriente, 1971.

JORNAL OPÇÃO. Goiânia: julho de 1996, edição 1099.

MIRANDA, Mauro. Bancada do Congresso Nacional, 1997, p. 1

O POPULAR. Goiânia, 1 dez. 1997

TELES, Gilberto Mendonça. **Goiás e Literatura**. Goiânia: Editora E.T.G, 1964.

SOBRE A AUTORA

Magda Régia de Oliveira Silva

Mestra em Linguística Aplicada. Doutoranda em Linguística Aplicada, pela Universidad Buenos Aires (UBA). Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG-2004) / Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade da Região dos Lagos (FELAGOGOS-2005) Cabo Frio/ RJ. Atualmente é professora PIV - Colégio Estadual Rosa Turisco de Araújo - Anicuns/ GO. É, também, palestrante na Faculdade Anicuns (Núcleo de Extensão) e Ministrante dos seguintes Cursos: "Escrevendo pela Nova Ortografia" - Reforma Ortográfica, "Bulling - um mal que causa", "Leitura e produção de texto", "Por que ensinar gramática?", "Latim", "Inglês" e "Português para concursos". Instrutora de idiomas (Inglês/Espanhol), pelo SENAC (Cora Coralina - Goiânia/GO). Professora da Faculdade Itapuranga (ITA), com Língua Portuguesa e Redação, no Curso de Gestão em Segurança Pública e Privada 2015/2016; pólo Anicuns/GO.

Recebido para publicação em Outubro de 2020

Aprovado para publicação Novembro de 2020